



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOELMA REJANE DOS SANTOS NASCIMENTO DE MIRANDA**

**FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2018**

JOELMA REJANE DOS SANTOS NASCIMENTO DE MIRANDA

**FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Margareth Maria de Melo

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M672f Miranda, Joelma Rejane dos Santos Nascimento de.  
Fechamento de escolas do campo [manuscrito] : causas e consequências / Joelma Rejane dos Santos Nascimento de Miranda. - 2018.  
35 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Margareth Maria de Melo ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Educação rural. 2. Escola da zona rural. 3. Fechamento de escolas. 4. Comunidade rural. I. Título  
21. ed. CDD 370

JOELMA REJANE DOS SANTOS NASCIMENTO DE MIRANDA

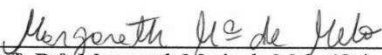
**FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**


Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

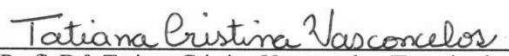
Data da avaliação: 07/12/2018

Nota: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Margareth Maria de Melo (Orientadora)  
UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Patricia Cristina de Aragão (Examinadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Tatiana Cristina Vasconcelos (Examinadora)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me auxiliado em todos os momentos da minha vida e na caminhada em busca de uma graduação. Dedico essa dádiva ao meu querido pai André Plácido que não se encontra entre nós há vinte e nove anos (29), porém continua vivo em nossas lembranças, saudades eternas meu pai. Agradeço a minha mãe Maria das Dores que mesmo na sua simplicidade nos ensinou o caminho certo a seguir, nos mostrou o que é sermos honestos, dedicados e cuidadosos com nossos afazeres, te amo muito. Agradeço a meus filhos Gabriel Nascimento de Miranda; Júlio César Nascimento de Miranda e Juliana Maria Nascimento de Miranda, obrigada meus filhos pelas vezes que precisei sair mesmo vocês precisando de mim, mas em nome da responsabilidade que assumi precisei deixá-los, amo vocês obrigada por tudo. Gabriel obrigado por ter me levado para fazer a pesquisa. Agradeço aos meus irmãos que sempre estiveram torcendo por mim, João Roberto Nascimento; Josilda Galdino; AlexSandro Nascimento ; Marcelo Nascimento e em especial você Marcos dos Santos Nascimento que foi o meu incentivador, se não fosse você não teria chegado aqui, foi você que fez eu voltar a estudar depois de dezoito anos, você sempre me deu força, me fez ver que sou capaz, amo vocês e obrigada a todos. Obrigada Juarez Miranda, que mesmo nos momentos de chatice me auxiliou cuidando dos nossos filhos para que eu conseguisse terminar meu curso, eu sei que mesmo com esse seu jeito de bravo e reclamo você sempre torceu por mim e tem orgulho eu sei resrs; tios/ tias; sobrinhos/ sobrinhas; primos/ primas; cunhados/ cunhadas principalmente Ednalva que todos os meses levam meus filhos para o dentista; Dida que muitas vezes me fez favor porque não poderia faltar as aulas, Andréia que muitas vezes dividiu o almoço comigo. Obrigada todos os amigos e amigas que sempre torceram por mim, principalmente Hosana de Oliveira Lima; Jéssica Lima e todos os familiares de vocês que sempre me incentivaram e me ajudaram quando precisei eu sei que vocês sempre acreditaram no meu potencial e sempre tiveram certeza que eu chegaria lá. Obrigada Colegas de turma Amanda obrigada por tudo; Débora; Fernanda; Franciely Gracimone; Girzelem;Isabelly; Manuella;Maria da vitória; Ranyeli; Roselene; Roseane Tamires;Thayanne;Taynara; Thamara. Agradeço a vocês Roseane, Fernanda e Manuella já que sentamos perto e conversamos mais nos últimos semestres. Obrigada a todas e todas as meninas/meninos que cursaram alguma disciplina junto comigo; agradeço a Esmênia e

Lany pela parceria nos artigos e também pela nossa amizade. Mônica minha amiga e ex colega de trabalho e amiga; Lucas Alcântara pelas vezes que me auxiliaram e todos motoristas dos ônibus que nos levaram todos esses anos para a Universidade e finalmente agradeço a todos e todas vocês por esses anos que tivemos juntos e que conheceram meu lado bom e ruim, agradeço as que colaboraram com a minha formação, seja com dicas, com conselhos, críticas ou até mesmo pelas vezes que emprestaram os ouvidos para meus desabafos, mas não posso esquecer nessa reta final quem sempre esteve do meu lado mesmo com algumas brigas, você Vitória Costa que sempre perguntou como vai o TCC, precisa de ajuda? Se precisar estou aqui para ajudar, obrigada pelas vezes que me auxiliou você e outras colegas. Agradeço a prefeitura e aos responsáveis por ter fornecido transporte para minha trajetória até a universidade. Agradeço a todos os funcionários da UEPB por ter feito parte da minha vida durante todos esses anos, as pessoas que trabalham na limpeza, Guardas, Restaurante Universitário entre outros, obrigada pela simpatia e respeito por nós estudantes. Agradeço as pessoas que fizeram parte da minha pesquisa, obrigada pela grande colaboração, obrigada Secretário de Educação Júlio César pela sua colaboração para que eu pudesse coletar meus dados. Por fim obrigada a todos meus professores e professoras que me ensinaram tudo que sei hoje, vocês são grandes responsáveis por essa conquista, agradeço por tudo mesmo e principalmente aqueles que sempre estiveram do meu lado como Tatiana; e todos que acreditaram que eu chegaria até aqui. Agradeço a todos e todas que torceram e torcem por mim, mesmo que seja secretamente. Obrigada minha orientadora Margareth Maria de Melo por toda paciência e confiança. Caso tenha esquecido algum nome peço perdão, mas saibam que todos moram no meu coração.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO _____	06
2.	METODOLOGIA _____	09
3.	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O HOMEM/ MULHER DO CAMPO: breve histórico _____	15
3.1	A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA COMUNIDADE _____	21
4.	TURMAS MULTISSERIADAS E O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO _____ CAMPO	23
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	28
6.	REFERÊNCIAS _____	29
7.	APÊNDICE – QUESTIONÁRIOS _____	34

## FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Joelma Rejane dos Santos Nascimento de Miranda

### RESUMO:

O objetivo geral da pesquisa foi analisar o motivo de tantas escolas da zona rural de Pocinhos –PB, terem sido fechadas nos últimos anos. Especificamente, descobrir as causas e as conseqüências do fechamento das escolas; entender como as comunidades rurais se envolveram ou não no processo de fechamento e identificar quais as conseqüências dessa situação para as comunidades rurais. Com uma metodologia de pesquisa qualitativa do tipo etnográfica aplicamos um questionário com perguntas abertas. Entre os sujeitos foram entrevistados alguns proprietários de terra onde as escolas funcionavam, ex professoras, ex funcionários (as), pais/ mães de alunos/ alunas e até mesmo pessoas daquelas localidades. Para a pesquisa foram escolhidas aleatoriamente quatro (04) escolas do campo uma em cada localidade. Para análise dos dados me aportei da análise de conteúdo (BAUER, 2002). Também utilizamos de consultas de diversos autores como referências bibliográficas Molina (1999), Hage (2006), Nascimento (2009), dentre outros, os quais nos deram suporte para entender melhor a realidade das escolas do campo e ainda documentos oficiais sobre essa temática. Através das falas dos interlocutores constatamos que as escolas foram fechadas devido o número pequeno de alunos e também pela falta de recursos para manutenção das escolas. Para nossa surpresa a comunidade não pediu as escolas de volta e estão satisfeitas com o atendimento que as crianças estão recebendo em outra localidade. Essas comunidades não foram consultadas sobre o fechamento das escolas, apenas comunicadas, algumas pessoas questionaram, mas não se mobilizaram para que as escolas permanecessem funcionando. Na localidade não existe movimento de agricultores do campo, que organizasse o grupo para lutar pelas escolas. Estas esperam que os prédios das escolas sejam usados para algum serviço na comunidade, mas também não reivindicaram esse benefício ainda.

**Palavras chave:** Educação Rural; Escola da Zona Rural; Fechamento de Escolas; Comunidade Rural.

### 1. INTRODUÇÃO

Através do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, como aluna desse curso, tomei a iniciativa de organizar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre as escolas que foram fechadas nos últimos anos na zona rural do município de Pocinhos-PB. Quantas escolas foram fechadas? Por que essas escolas foram fechadas? Com esse fechamento que transtornos acarretaram a seus usuários? Para onde foram levadas as crianças? Como a população que mora na zona rural foi atendida nesta necessidade essencial que é a educação das crianças? Como essa população reagiu a essa situação do fechamento das escolas? Será que foram oferecidas condições necessárias para que amenize essa perda? São questões que buscaremos responder com essa pesquisa.



De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases (LDB), 9.394/96, no artigo 28, para oferta da educação do campo, é necessário levar em consideração a diversidade e as desigualdades regionais, isto é, o currículo e a organização do funcionamento da escola devem ser adaptados as necessidades peculiares da vida no campo, de forma que atenda à natureza do trabalho na zona rural.

Alguns municípios precisam assegurar baseados na lei benefícios para essa população, tais como: melhorias no transporte escolar, manutenção e ampliação da infraestrutura das escolas do campo, aquisição de equipamentos tecnológicos, material didático, acervo bibliográfico, formação continuada para professores, para que a educação do campo seja de qualidade, visto que ela é um direito de todas as pessoas que residem na zona rural, segundo a Constituição Federal.

A educação do/no campo é resultado das lutas dos movimentos sociais do campo, como veremos mais adiante, visto que, não foram pensadas políticas públicas para educação do campo, ao longo da organização da educação do país. A educação voltada para as elites foi depois imposta para as classes trabalhadoras, de forma que atendesse ao mercado de trabalho, se configurando numa educação que não considerava o contexto em que estava inserida, não se voltava para os interesses do público alvo, e só gerou fracasso escolar. A partir das lutas por reforma agrária e das ideias de Paulo Freire (1989) se entendeu que antes de ler a cartilha era preciso ler o mundo, se perceber cidadão de direitos. Mas parece que não são todas as regiões em que existe essa organização dos agricultores. Em muitos lugares a escola do campo reproduz o que é feito nas escolas da cidade.

Com isso, a educação do campo que iremos considerar neste trabalho é “compreendida como um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a educação como parte essencial para o desenvolvimento do campo (FERNANDES, 2006, p.28). Ela considera o contexto e as necessidades do homem e da mulher do campo. Nas escolas rurais, nada disso é pensado, o currículo reproduz o que as escolas da zona urbana trabalham no seu cotidiano. Será que essa questão pode ser mais um fator para o fechamento das escolas da zona rural?

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o motivo de tantas escolas da zona rural de Pocinhos –PB, terem sido fechadas nos últimos anos. Especificamente, descobrir as causas e as conseqüências do fechamento das escolas; entender como as comunidades

rurais se envolveu ou não no processo de fechamento e identificar quais as conseqüências dessa situação para as comunidades rurais.

A escolha desse estudo se deu pelo fato de me interessar por essa temática, em razão de ser moradora da zona rural, ter estudado em escolas do campo do Pré-escolar até o término do fundamental I, e hoje ser funcionária de uma das escolas do município localizada na zona rural e todos os anos venho observando que alunos de outras localidades se deslocam de muito longe em busca de matricular-se nas escolas ainda em funcionamento na região, percebo o tamanho dos esforços feitos pelos mesmos à procura de uma educação de qualidade, nas áreas rurais. Desabafos são feitos pelas mães, por terem que deixar seus filhos pequenos se deslocarem de casa em estradas de terras da zona rural nos transportes escolares. São alunos da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental I, com idade de três anos e seis meses até quatorze anos, pois alguns estão deslocados da sua faixa etária.

Assim, diante de tudo que já vivenciei como moradora estudante e agora funcionária na escola do campo me fez reconhecer que esse é o meu mundo, já que tenho uma trajetória nessa área, além de todos esses fatores relacionados, sinto um grande carinho pelos alunos e pessoas do campo.

A metodologia de pesquisa adotada é qualitativa do tipo etnográfica, em que aplicamos um questionário com perguntas abertas. Entre os sujeitos foram entrevistados alguns proprietários de terra onde as escolas funcionavam, ex professoras, ex funcionários (as), pais/ mães de alunos/ alunas e até mesmo pessoas daquelas localidades. Para a pesquisa foram escolhidas aleatoriamente quatro (04) escolas do campo, uma em cada localidade. Para análise dos dados me aportei da análise de conteúdo (BAUER, 2002). Também utilizamos de consultas de diversos autores como referências bibliográficas Molina (1999), Hage (2006), Nascimento (2009), dentre outros, os quais nos deram suporte para entender melhor a realidade das escolas do campo e ainda documentos oficiais sobre essa temática.

A seguir, apresentaremos a metodologia e alguns pontos que se evidenciaram nas respostas dos interlocutores.

## 2. METODOLOGIA

Para o presente estudo utilizamos uma pesquisa de campo do tipo etnográfica, com uma abordagem qualitativa. A etnografia na investigação científica de acordo com Mattos, (2011) é como um estudo que revela costumes, crenças e tradições de uma sociedade, podendo ser transmitidas de geração em geração, permitindo a continuidade de uma determinada cultura ou até de um sistema. Dessa maneira, a mesma procura inteirar-se de modo holístico e dialético, introduzindo os autores sociais ativos e participativos dentro do contexto explorado, revelando relações significativas e reflexivas . A pesquisa etnográfica possui bases antropológicas, baseia-se em observações e levantamento de dados, o pesquisador, com o seu senso questionador, adentra na realidade explorada e seus instrumentos são formulados para atender a realidade do trabalho de campo ofertado (MATTOS, 2011).

De acordo com Ludke (1986), a abordagem qualitativa, nessa visão, compreende que as pessoas devem ser estudadas de acordo com seus gestos e palavras, referenciando sempre o contexto que está inserido. Todos os dados da realidade ali estudada são considerados de extrema importância e tudo ocorrerá de forma processual, considerar os diferentes pontos de vista nessa abordagem permite observar e compreender o externo, aquilo que não está exposto (LUDKE, 1986). Ainda de acordo com a autora, a abordagem etnográfica dentro desse contexto, permite que o pesquisador modifique os seus problemas e suas hipóteses durante todo o processo de investigação. Por fim, é preciso que o investigador tenha responsabilidade, confiança, compromisso, ética e respeito pelos outros. O pesquisador terá assim, a capacidade de investigar e interpretar a realidade do outro.

Os instrumentos de coleta de dados foram roteiros de questionários<sup>1</sup> com perguntas abertas para diversos sujeitos envolvidas na problemática em questão, tais como: proprietários das escolas, ex-professoras<sup>2</sup>, ex-funcionários e pais ou mães de alunos, totalizando 22 pessoas, pois foram quatro escolas pesquisadas, elas serão tratadas com um código: Esc1, Esc2, Esc3 e Esc4.

---

<sup>1</sup> Ver em apêndice o roteiro dos questionários.

<sup>2</sup> Como todas as professoras entrevistadas são mulheres, como é a maioria das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, iremos usar sempre no feminino.

Assim todas as quatro escolas que fazem parte da pesquisa são públicas do campo da rede municipal de ensino da cidade de Pocinhos - PB, a existência do proprietário, refere-se ao fato desta ser construída na propriedade/terra da pessoa, ela oferece o terreno, mas é a prefeitura quem deve construir, zelar, manter e oferecer os servidores (professoras, merendeira, serviços gerais, vigia, entre outros). Os sujeitos da pesquisa são identificados da mesma forma que as escolas com um código, aqueles que forem da escola 1 serão nomeados com as iniciais da função e o número 1, correspondente da escola, como por exemplo: o proprietário será identificado como prop1, a professora como profa 1, se tiver mais de uma professora será profa1.1, profa1.2, funcionário/a func1, e pai1 ou mãe1, visto que temos que preservar a identidade da escola e dos interlocutores da pesquisa. A seguir um quadro com a quantidade dos interlocutores da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa são: os proprietários todos já estão aposentados, três como agricultores e um como professora de educação básica; as professoras duas já estão aposentadas como professoras e quatro continuam trabalhando em outras escolas; as duas merendeiras, uma já está aposentada e outra continua trabalhando em outra escola; os moradores três são aposentados como agricultores e uma é dona de casa e recebe ajuda dos programas do Governo para complementar a renda mensal, como praticamente todas, com exceção das professoras que estão em atividade, vivem com um salário mínimo.

#### **QUADRO DAS PESSOAS QUESTIONADAS**

PROPRIETÁRIOS ONDE A ESCOLA É SITUADA	04
PROFESSORAS	06
MÃES DE ALUNOS	06
MERENDEIRAS	02
MORADORES DA LOCALIDADE	04
TOTAL DE PESSOAS QUESTIONADAS	22

Para coleta dos dados foi usadas máquina fotográfica, papéis, lápis, computador, transportes para a locomoção a procura de dados, internet, livros, entre outros. Também foram consultados diversos autores como referências bibliográficas Molina (1999), Hage (2006), Freire dentre outros, os quais nos deram suporte para entender melhor a realidade das escolas do campo e ainda documentos oficiais sobre essa temática. A nossa análise tomou a análise de conteúdo (BAUER, 2013) como referência para tratamento dos dados.

Através do levantamento nos arquivos da Secretaria de Educação da cidade de Pocinhos – PB identificamos que, aproximadamente quarenta (40), escolas do campo foram fechadas nos últimos anos e, principalmente, nos últimos dez (10) anos. A área rural da cidade é de grande extensão, por isso não teve como visitarmos todas as escolas, foi preciso fazer escolhas de acordo com as condições para realização da pesquisa.

As quatro escolas foram escolhidas tomando como critério os contatos que temos com alguém que trabalhava nelas, visto que algumas escolas ficam muito distantes, outras são de difícil acesso, e principalmente, a dificuldade de conhecer quem eram as pessoas envolvidas. Nas quatro escolas escolhidas já existia algum vínculo, ou por ter estudado na escola, ou trabalhado, ou por conhecer pessoas da localidade.

A Escola 1 (Esc1) apresenta uma estrutura física bem precária, acreditamos que por fazer certo tempo que se encontra fechada, ela está com sinais de abandono, tanto por dentro como por fora. As pessoas entrevistadas falaram da falta de manutenção e investimento para reforma. Ela tem duas salas de aula, uma cozinha, banheiro e uma pequena área entre uma sala e outra que servia para recreação em dias de chuva. A água para o consumo e limpeza era de uma cisterna que a mesma tem e não tinha energia elétrica. Ela tinha uma merendeira e três professoras, quando do fechamento da escola. Funcionavam os dois turnos, com duas turmas no turno da manhã e uma no turno da tarde.

#### FOTOS DA ESC 1



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

A segunda escola, Esc 2 tem uma estrutura física bem preservada, digamos que é uma escola muito bonita, ela é organizada por dentro e por fora, possui sete cômodos, sendo duas salas, uma cozinha, dois banheiros, uma despensa de guardar merenda e um espaço para recreação. Ela tem cisterna, energia elétrica e antes do fechamento tinha passado por manutenção. Os proprietários da terra limpam e conservam suas instalações organizadas. Ela tinha uma merendeira e duas professoras. Funcionavam duas turmas, uma no turno da manhã e outra no turno da tarde.

#### FOTO DA ESC 2



Fonte: De Arquivo Pessoal

A terceira escola, Esc 3 tem sua estrutura física está bem deteriorada , tanto por dentro como por fora, além de nunca ter passado por uma reforma durante o tempo que esteve funcionando, também por está praticamente abandonada piora a situação. Ela é uma escola pequena, só tem uma sala de aula, um salão para recreação, uma cozinha e dois banheiros bem pequenos, tem energia, a água dependia de carro pipa e o uso não era só para comunidade escolar e sim para toda comunidade e isso atrapalhava da escola funcionar de uma boa maneira, já que a cisterna secava muito rápida e a merendeira ficava impossibilitada de exercer sua função de uma maneira eficaz, não tinha se quer uma pia para lavar a louça, a água era tirada com um balde com corda na cisterna. Através de conversa com moradores daquela localidade, como: proprietário das terras onde a escola foi construída e vigia, ex funcionários e pais de alunos, podemos perceber que mesmo a escola funcionando de uma forma muito precária a mesma tinha grande valor para a comunidade, principalmente efetivo.

#### FOTO DA ESC 3



Fotos arquivo pessoal

A quarta escola, Esc 4 é uma escola com uma estrutura física bem preservada, foi reformada recentemente, contem duas salas de aulas, banheiro dentro do prédio, sala de leitura, cozinha, ela estava bem conservada e bem cuidada tanto por dentro como por fora, a água utilizada era através de uma cisterna abastecida por carro pipa, tinha pia, descarga, energia entre outros, no momento do fechamento tinham dois funcionários trabalhando, a professora e a merendeira. Conversando com o proprietário onde a escola foi construída, também com moradores, ex funcionários e mães de alunos, podemos perceber a

importância que aquela escola tinha para aquela localidade e para os seus moradores, já que com o seu fechamento os alunos e os funcionários tiveram que serem deslocados para outras escolas, além da parte efetiva que era bem presente entre todos.

#### FOTOS DA ESC 4



Foto Arquivo Pessoal



Foto Arquivo Pessoal



Foto Arquivo Pessoal



### **3. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O HOMEM/ MULHER DO CAMPO: breve histórico**

A educação permeia toda a vida do ser humano, e é construída de forma social, seja qual for à fase da vida em que estejamos, seremos educados. Faz-se necessário todas as discussões e tentativas de oferecer as melhores condições para se dar esse aprendizado. O ensino público no Brasil tem percorrido uma trajetória histórica de contradições em relação às concepções e aos modelos educacionais que objetivam a eficácia do mesmo.

A educação do campo muitas vezes é relegada a um patamar inferior ou quase inexistente nas discussões das políticas públicas sobre a prática pedagógica e a formação dos docentes que atuam nesse tipo de escola.

Sabemos que os filhos dos agricultores e das comunidades rurais começam auxiliar o pai ainda muito jovem, já que são pessoas de baixa renda e não conseguem pagar para que alguém os ajude, caso os filhos não auxiliem seus pais no plantio e cuidados com a lavoura, essa vai se perder por falta dos cuidados necessários para uma boa colheita. E com a ida dessas crianças e adolescentes para uma escola distante da sua casa, até mesmo na cidade com muitos quilômetros de distância da sua residência atrapalha a família e até mesmo aos alunos devido à distância percorrida todos os dias, muita das vezes em estrada de terra e de péssima qualidade.

A educação do campo é voltada para o conjunto de trabalhadores e trabalhadoras, bem como para seus filhos ou filhas que vivem no campo, e, identificam-se com essa realidade. Mas para que esses sujeitos sejam amparados e respeitados precisam seguir com todas as especificidades da cultura, do modo de ser da vida campesina, para que não venham ter perdas, sejam essas pessoas: camponeses, quilombolas, nações indígenas, diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural.

A sociedade civil organizada no campo luta por uma educação no campo como uma dimensão no projeto de campo e desenvolvimento econômico, socialmente justo e ecologicamente sustentável. Portanto, a especificidade da Educação do Campo é justificada pelo fato desta, ultrapassar os espaços escolares, pois está presente na organização produtiva e lúdica dos povos do campo. Como nos afirma Brandão (1985, p.7).

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a

educação. Com uma ou várias: educação? Educações. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante.

Então, como vimos na citação acima a educação acontece em todos os lugares e em todos os momentos, não importa o meio social que o indivíduo viva, de alguma maneira ele/ ela está sendo educado (a), resta saber se essa educação está sendo boa ou ruim para esse indivíduo. Como vimos existem vários modelos de educação começando pela familiar e sucessivamente na escola e assim adiante.

De acordo com Nascimento (2009), a educação no Brasil, destinada ao meio rural existe desde o período da República Velha. Porém, o simples fato de sua existência não dava legitimidade para a construção de políticas públicas voltadas, exclusivamente, para a população rural já que a educação era destinada as classes dominantes.

Segundo Silva (2004, p.1) “a escola brasileira, desde o seu início, até o século XX serviu e serve até, para atender as elites sendo inacessível para a grande parte da população rural”. A escola, nesse período, não existia nem para as crianças das periferias das cidades, muito menos para as crianças das áreas rurais.

Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, esperava-se que a educação fosse melhorar para maioria da população, mas apesar da expressão educação para todos, não incluíram o homem/mulher do campo nesse paradigma da educação, então na tentativa de suprir a carência junto ao camponês o governo organizou algumas campanhas educativas (BRASIL, 2007). Com o crescimento econômico, quem prevalecia era a indústria, todos os olhares eram voltados para o homem da cidade.

O homem do campo e tudo que estava relacionado a ele eram tidos como atrasado, rude. Essa imagem da vida urbana como progresso e a da zona rural como negativo, pois representava algo ultrapassado, como algo que deveria ser superado foi alimentada por várias gerações levando muitos a migrarem para os grandes centros em busca de uma vida melhor e a escola colaborava quando formava para a inserção no mercado de trabalho.

Segundo GENTILI (1998), o capitalismo atravessa ao longo de sua história vários processos e rupturas sendo permanentes e cíclicos envolvendo esferas de práticas sociais. Ele é capaz de mover todas as circunstancias de uma sociedade, modifica as coisas e as pessoas, exigindo disciplina, envolvimento e participação do empregado. Nessa perspectiva alguns movimentos sociais irão surgir no campo para lutar contra essa lógica

capitalista e empoderar as pessoas do campo para compreender que sua atividade é essencial para vida na cidade, pois é o que se produz no campo que alimenta as feiras livres e a mesa de todos. As Ligas Camponesas que iniciaram em Pernambuco, espalham-se por quase todos os estados do Brasil reunindo milhares de trabalhadores na luta pela reforma agrária (SILVA, 2004).

A Constituição de 1946 conferiu importância ao processo de descentralização do ensino, sem desresponsabilizar a União pelo atendimento escolar. Vinculou recursos para as despesas com educação e assegurou a gratuidade do ensino primário. Entretanto, apesar de determinar o incremento do ensino na zona rural, transferiu à empresa privada, inclusive às agrícolas, a responsabilidade pelo custeio desse incremento (BRASIL, 2007).

Para isso foram criadas a partir do final da década de 1950, agências de desenvolvimento regional tais como: a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e a Superintendência do Desenvolvimento do Sul (SUDESUL) e órgãos federais de colonização e reforma agrária: Superintendência da Política da Reforma Agrária (Supra), Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) e Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Das ações educativas desses órgãos podemos destacar o Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-obra Rural (PIPMO), iniciado em 1963 e retomado em 1972. No âmbito do Ministério da Educação, com o objetivo de reunir em um só órgão, todas as unidades federais de ensino agrícola, foi criada, em 1973, a Coordenação Nacional de Ensino Agrícola (COAGRI) (BRASIL, 2007).

Com o Golpe Militar de 1964, as Ligas Camponesas são reprimidas, algumas lideranças são presas e exiladas, outras assassinadas no confronto com as forças federais.

No período final do regime militar, as políticas públicas para a educação do campo continuaram a seguir a mesma lógica dos projetos integrados que somavam assistencialismo e preparação elementar de mão-de-obra agrícola. A elaboração pelo MEC do II Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto, em 1980, resultou na criação de programas, tais como: o Programa Nacional de Ações Sócio educativas e Culturais para o Meio Rural (PRONASEC) e o Programa de Extensão e Melhoria para o Meio Rural do Nordeste (Edu Rural-NE). Em 1998, foi instituído o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA) junto ao Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF), hoje Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Para ampliar e institucionalizar a participação dos movimentos sociais na formulação de políticas públicas

para o campo foi criados, no âmbito do MDA, em 1999, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável para Agricultura Familiar (CONDRAF); e do MEC, em 2003, o Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT). A criação da Coordenação-Geral de Educação do Campo, no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, é também um marco organizacional que demonstra a vontade do Governo Federal de consolidar a Educação do Campo como política pública permanente (BRASIL, 2007).

Somente a partir da Constituição de 1988 foi que a legislação brasileira relativa à educação passou a contemplar as especificidades das populações identificadas com o campo. O Artigo 208 ergueu os pilares jurídicos sobre os quais viria a ser edificada uma legislação educacional capaz de sustentar o cumprimento desse direito pelo Estado brasileiro. No bojo desse entendimento, a educação escolar do campo passa a ser abordada como segmento específico. Observamos que a luta pela educação do campo e no campo vem bem antes da constituição, porém foi a partir dela que se passou a valorizar esses indivíduos, já que infelizmente as coisas só acontecem de fato na base da lei e, especificamente, com punição ou perda para quem praticar a desobediência (BRASIL, 1989).

[...] Se considerarmos como critérios de ruralidade a localização dos municípios, o tamanho da sua população e a sua densidade demográfica, conforme propõe Veiga (2001), entre os 5.560 municípios brasileiros, 4.490 deveriam ser classificados como rurais. Ainda de acordo com esse critério, a população essencialmente urbana seria de 58% e não de 81,2%, e a população rural corresponderia a, praticamente, o dobro da oficialmente divulgada pelo IBGE, atingindo 42% da população do país. Dessa forma, focando o universo essencialmente rural sugerido pela proposta do pesquisador, é possível identificar em torno de 72 milhões de habitantes na área rural (BRASIL, 2006, p. 07-08).

Assim, o que significa essa negação da realidade das comunidades rurais? O que representa essa estatística que mostra um número muito menor de pessoas que moram no campo?

Como observamos anteriormente, só depois de muitos anos, com a luta de várias entidades que entra em vigor a pauta de diferentes organizações e movimentos, que lutam por uma educação que atenda aos interesses dos agricultores. A Lei 9394/96 considera a especificidade da escola rural é necessário adaptar o currículo a realidade do homem do campo. Será que essa especificidade inerente ao homem do campo de fato está sendo

respeitada? Será que alguém se preocupa em respeitar esses direitos? Será que o cidadão do campo está politicamente assegurado dos seus direitos e deveres?

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Art. 28).

De acordo com a Lei 9394/96, os sistemas de ensino adaptarão seus currículos de acordo a necessidade de cada um, cabe a nós cidadãos fiscalizarmos para ver se de fato isso está acontecendo, já que o sujeito do campo geralmente é negado pela sociedade. Também sugere que o currículo deve ser elaborado de acordo com o calendário agrícola, não recorro de na minha trajetória acadêmica ter visto esse respeito. Então observamos que o cidadão do campo muitas das vezes está longe de ser realmente respeitado no meio o qual vive e convive.

Para Boudieu (1982, p. 244), os alunos não conseguem aprender os conteúdos exigidos na escola, já que as distribuições dos mesmos não são de acordo com a sua cultura e o meio que está inserido, que é o meio agrícola. Boudieu (1982) acredita que o aluno da zona rural deve ver conteúdos voltados para realidade do campo e, assim, ele poderá ter sucesso na sua vida profissional, ou seja, a valorização da herança cultural é fundamental para o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes.

A relação estabelecida desse jovem com o meio agrícola, não é tido como exploração infantil ou doméstica. Para Boudieu (1982) essa relação familiar que as crianças e adolescentes precisam ajudar na produção doméstica é vista como socialização do indivíduo, trata-se de uma preparação e uma formação para cuidar da lavoura que eles vão herdar quando os pais não puderem mais ficar a frente de tudo, ou até mesmo falecerem. No meio agrícola se faz necessária as práticas camponesas e os filhos são os herdeiros que vão dá continuidade a família, já que são jovens e cheios de saúde podem seguir com os costumes herdados pelos pais, avôs, entre outros.

Na educação do campo não deve existir uma separação entre a educação e o trabalho agrícola familiar, o ideal é adequar uma prática a outra e juntas procurar soluções que valorizem o homem do campo, meios de trabalho para que os jovens não tenham que

migrar de suas comunidades para irem sobreviver em lugares distantes dos seus familiares entre outros.

Utilizar-se-á a expressão campo, e não a mais usual meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalhador camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas quando se discutir a Educação do Campo se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural (MOLINA, 1999, p. 26).

Respaldamo-nos em Molina, (1999) para evidenciar a importância de se trabalhar a educação para a diversidade para os povos do campo em todos os âmbitos, principalmente, no contexto escolar. É então ajudar a pensar sobre os desafios enfrentados diariamente por todas as pessoas que passam por preconceitos, é promover a consciência de valores. Assim, a educação do campo é um processo de formação que valoriza a vida no campo e visa melhorias para as pessoas que moram na localidade, no sentido de que permaneçam no campo, produzindo e construindo um desenvolvimento sustentável.

Portanto, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, aprovadas em 2001 pelo Conselho Nacional de Educação, representam um importante marco para a educação do campo, porque contemplam e refletem um conjunto de preocupações conceituais e estruturais presentes historicamente nas reivindicações dos movimentos sociais (BRASIL, 2007). Então dentre elas o reconhecimento e valorização da diversidade dos povos do campo, a formação diferenciada de professores, a possibilidade de diferentes formas de organização da escola, a adequação dos conteúdos às peculiaridades locais, o uso de práticas pedagógicas contextualizadas, a gestão democrática, a consideração dos tempos pedagógicos diferenciados, a promoção, através da escola, do desenvolvimento sustentável e do acesso aos bens econômicos, sociais e culturais (BRASIL, 2007). As Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo garantem a autonomia da construção do Projeto Político Pedagógico, com especificidades voltadas para os povos do campo, passando a ser destinados projetos de modernização do campo (BRASIL, 2007).

As diretrizes são significativas, pois norteiam a organização das escolas do campo. Isso representa mais uma conquista como vem que foi através de muitas lutas que a

educação passou a ser vista como um direito fundamental e de responsabilidade dos governantes de todos os países para com a sua população, esse foi o entendimento dos diferentes movimentos sociais, e de grupos sociais que lutavam pela causa, todos eram tidos como minoritários, como os camponeses, quilombolas, indígenas, entre outros.

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA COMUNIDADE

Então com a coleta de dados observamos através das falas que a educação é muito importante para as pessoas interlocutoras, já que 100% responderam isso, mesmo que não tenha sido de uma forma bem explícita, mas através das falas deu para perceber que a escola era de fato muito importante para todos que tiveram contato direto ou indiretamente. Nota-se o grande valor que eles dão aos estudos. Assim observamos que todos e todas mencionaram que a escola era muito relevante, mas se esta era tão imprescindível para eles, por que ninguém pediu de volta? Em nenhum momento eles mencionaram que queriam que as escolas reabrissem e se pensavam em procurar os órgãos públicos ou não. Então isso é um fator preocupante, já que entre eles não existem pessoas que se organizem e lutem por seus direitos assegurados em leis. Como vimos anteriormente os movimentos sociais que atuam no campo foram de grande importância para definição de uma educação do campo que valoriza a cultura do campo, que resgata a especificidade dos povos do campo, que visa mantê-los na terra, que gera um sentimento de pertença. Mas nessa região não existe movimento social do campo que congregue e organize as pessoas para lutar por direitos, ficando à população a espera que o poder público faça algo por eles.

Nessa pesquisa encontramos funcionários que trabalharam a vida inteira na escola, como no caso dessa merendeira que a emoção foi grande na hora da aplicação do questionário, as lágrimas escorreram pela a sua face, fizemos à seguinte pergunta: A escola era importante para você e qual a relação com a comunidade?

Muito importante, ela era minha vida, trabalhei 29 anos nela e me aposentei recentemente por completar 60 anos e 29 de trabalho. Graças a Deus foi muito bom, porque nunca tive problema com ninguém nem com a comunidade e nem com os funcionários que trabalhamos juntos durante esses anos, esse trabalho me ajudou viver e criar meus filhos, como tenho saudades (MERENDEIRA, ESC 4, 2018).

Observamos que para essa merendeira a escola tinha uma grande importância, como também um sentimento de gratidão. Pareceu-nos que o fechamento da escola gerou um sentimento de perda, por isso a emoção se expressou durante nosso contato.

Para o proprietário das terras onde a escola está localizada e ex funcionário, a escola era importante, vejamos sua resposta: “Muito importante porque eu trabalhava como vigia da escola e com o fechamento fiquei desempregado e para a comunidade era bom porque as crianças ficavam perto de suas casas”. (PROPRIETÁRIO E EX FUNCIONÁRIO, ESC 3, 2018). Vale ressaltar que os doadores do terreno recebiam como recompensa um emprego para alguém da família.

Entendemos que para o homem e mulher do campo, além de prepararem seus filhos para a educação no campo, para colheita da lavoura, eles também desejam que seus filhos “cresçam” na vida, para que no futuro venham a ter uma ascensão financeira, já que o agricultor depende da chuva para poder lucrar e colher os frutos do seu trabalho. De acordo com Boudieu (1982), no meio agrícola os filhos precisam e necessitam aprenderem todas as práticas do campo, não importa a sua etnia, religião ou condição social, todos precisam da continuidade ao que os pais iniciaram e cuidaram até não poderem mais, seja por doença ou velhice.

Portanto, tomando por base a resposta de todos os entrevistados e entrevistados, nos perguntamos: por que só as escolas do campo estão sendo fechadas em massa? Será que o homem do campo tem menos “valor” do que o homem da cidade?

As professoras, mães, funcionários, entre outros repetiram que as escolas fecharam porque o número de alunos era pequeno. Então, nos perguntamos: por que esse número de estudantes diminuiu? Será que foi porque os pais decidiram ter menos filhos? Por qual motivo ou circunstâncias eles decidiram ter menos filhos? Por dificuldade financeira? Ou por que as pessoas hoje estão mais esclarecidas? Diante destes questionamentos surgem outros: Será que a população do campo está diminuindo porque foi morar na cidade? Se a resposta for positiva, por que será que eles preferem ir morar na cidade ao invés de continuar na zona rural? Quais circunstâncias levaram a população do campo, deixar suas raízes de camponeses e irem para cidade? Será por causa da grande violência e latrocínios que tem acontecido ultimamente com os cidadãos que moram no campo e vivem do campo?

Na abordagem da relação entre o campo e a cidade, será que a população do campo é tratada igualmente com a da cidade? Parece que para muitos eles são “matutos”,



atrasados, entre outros. Como vimos anteriormente, se coloca a cidade como lugar de progresso e a zona rural como atraso.

De acordo com Giroux (1992), essa manutenção da discriminação ocasionada pelas instituições escolares são moldadas e influenciadas pelo poder dos dominantes. Essa ideologia oculta nos currículos escolares torna a escola apenas uma reprodutora que ignora os valores culturais e os conflitos existentes entre as classes sociais. A escola reproduz as divisões de classes e formações sociais capitalistas. É necessário intervir nesse modelo de docente que apenas mantém os interesses da sociedade capitalista, práticas desiguais em que restringem oportunidades.

#### **4. TURMAS MULTISSERIADAS E O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO**

Através das falas dos sujeitos entrevistados também destacamos que todos relataram que as escolas que foram fechadas são classes multisseriada. Então, nos perguntamos mais uma vez, esse seria um dos motivos do fechamento da escola? Para muitos uma turma multisseriada não tem como o professor ensinar igualmente para todos, já que precisa dividir o seu tempo para três ou mais séries. O que seria uma turma multisseriada? É o ensino na mesma sala com várias séries (anos) juntas, ou seja, trabalhar com crianças de várias faixas etárias junto, com níveis educacionais e idades diferenciadas.

Para alguns estudiosos esse tipo de ensino acarreta prejuízo na aprendizagem do aluno, já que o professor não tem o tempo disponível só para um devido assunto. Para os autores (SANTOS e MOURA, 2010, p. 37), faltam políticas públicas que dê cobertura as classes multisseriadas e que a política adotada para essa modalidade não tem resistido a tantas críticas, então compreendemos que o professores que trabalham com várias séries e faixas etárias diferentes ao mesmo tempo, estão à mercê da sorte e, além do mais, como observamos ao longo da pesquisa, muitos professores passaram por muitas dificuldades, uns trabalharam com crianças juntos com adultos e tudo isso dificulta a vida tanto do professor como do aluno.

Basta dizer que a única política pública implementada pelo Estado brasileiro para as classes multisseriadas, em nível nacional, é o Projeto Escola Ativa, desenvolvido a partir do ano de 1997, mas que se configura

como uma ação isolada e se alicerça numa concepção política e pedagógica que não tem resistido às inúmeras críticas que lhe tem sido direcionadas (SANTOS e MOURA, 2010, p. 37).

Por que o meio rural não recebe a atenção devida dos órgãos públicos? Por que não são pensadas políticas públicas para a educação do campo? Parece que este setor é esquecido, não tem a atenção devida desde a formação docente até a manutenção dos prédios públicos, a falta de condições de trabalho e às vezes a merenda é também sacrificada.

No meio rural os sujeitos se ressentem do apoio que as secretarias Estaduais e Municipais de Educação deveriam dispensar às escolas, sentindo-se discriminados em relação às escolas a cidade, que assumem prioridade em relação ao acompanhamento pedagógico e formação dos docentes. Os gestores públicos justificam a ausência do acompanhamento pela falta de estrutura e pessoal suficiente para realizar essa ação (HAGE, 2006, p. 4).

Já para Hage (2006) pela falta de apoio o sujeito do meio rural se sente discriminado com relação aos da cidade, já que não tem um acompanhamento pedagógico de qualidade, as estruturas físicas das escolas não são adequadas para que invistam nessa aprendizagem, assim confirmamos essa fala do autor mencionado com as respostas dos sujeitos questionados na nossa pesquisa, quando perguntamos se a escola tinha passado por alguma reforma:

“Não sei, porque prometeram reformar e depois desistiram, mediram tudo, (...)” (MÃE, ESC 1, 2018);

“Não, só pequenos reparos, pois a mesma não tinha nem energia elétrica” (PROFESSORA 2, ESC 1, 2018);

“Sim, antes eu ensinava numa casa velha, depois construíram a escola” (PROFESSORA 2, ESC2, 2018);

“A escola estava acabada (...) Bem pobre, só tinha uma sala, uma saletinha no meio, dois banheiros sem descargas e bem pequenos, uma cozinha sem pia para lavar os pratos, faltava tudo, para guardar a carne da merenda era na vizinha porque não tinha geladeira” (MERENDEIRA, ESCOLA 3, 2018);

“ sim, antes era na casa do meu pai, numa casa de taipa e minha irmã era professora, depois meu pai fez doação e o prefeito fez uma escola e ultimamente tinha feito outra reforma, a escola estava bem arrumadinha no momento do fechamento” (PROPRIETÁRIA, ESCOLA 4, 2018).

A ESC 1, como dito acima, não passou por reformas, apresenta alguns problemas de infra estrutura, mas ainda tem condição de ser reutilizada, porém devido o tempo que está “abandonada” encontra-se muito deteriorada. Já a ESC 2, está em perfeito estado de conservação, teria como ser reutilizada a qualquer momento. A ESC 3, está muito deteriorada e em péssimo estado de conservação, por fim, a ESC 4, foi fechada esse ano e tinha passado por uma reforma, então está pronta para ser reutilizada a qualquer momento que precisar. Será que havia preocupação com a manutenção de algumas escolas? Observamos através da visita as escolas e também foi constatado através do que os interlocutores falaram que duas escolas estavam em péssima condição para serem utilizadas. Sem manutenção as escolas tendem a se deteriorar e provocar inclusive risco para as crianças. Por que duas escolas foram reformadas e as outras duas não foram? Por que as escolas reformadas foram fechadas e estão sem nenhum uso para comunidade?

Já para Nolasco (2003) a prefeitura não se preocupa com o quadro de funcionários ou até mesmo com alunos, o que o poder público quer de fato é manter a escola aberta sem dá suporte para que haja uma boa educação e com ela uma aprendizagem significativa, também sugere que aconteçam eleições para a escolha dos gestores, porque uma pessoa bem preparada e escolhida pela população vai se interessar pela aprendizagem e pelo bom funcionamento da escola, já que uma das hipóteses não seriam pessoas “apadrinhadas” pelo prefeito e pode ser que isso influencie na maneira que ele vai trabalhar, ou seja, de acordo com o que ele ou os responsáveis pelo setor determinam.

Nolasco (2003) menciona também a falta de incentivo para que o aluno tenha gosto em estudar e se esforçar para dar o melhor de si, como até mesmo uma espécie de bônus para os alunos que mais se interessarem.

Nesse contexto me pergunto será que por essas escolas serem multisseiadas, existiu interesse do poder público em proporcionar uma educação de qualidade para os indivíduos envolvidos? Com o fechamento das escolas eles tiveram a oportunidade de estudar numa sala que a professora tem o tempo disponível só para eles, com gestora e coordenação presente na escola, além do mais as crianças com uma faixa etária de idade compatível. Assim, pelo que percebemos através de conversa informal os pais concordaram e estão gostando do atendimento dado as crianças nas suas referidas escolas, na qual estudam no momento.

Através da pesquisa observamos que no Brasil o Sistema Educacional está organizado em diferentes níveis e modalidades. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional 9394/96 o ensino está dividido em dois níveis: Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e Ensino Superior. No que se refere às modalidades que são a forma como o ensino será oferecido podemos citar Educação Especial, Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Quilombola, Educação Indígena e outras.

A LDBEN 9394/96 regulamenta como a Educação Básica pode ser organizada Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (LDBEN 9394/96, art. 23). Assim, as turmas multisseriadas são uma possibilidade, que merecem atenção para que funcione a contento.

Já de acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) consideram que a organização dos alunos em grupos de trabalho influencia o processo de ensino e aprendizagem, além de poder ser otimizada quando o professor interfere na organização desses grupos. Nesse contexto, os PCN (BRASIL, 1997) orientam para que nas classes multisseriadas se reúnam em grupos que não sejam estruturados por série e sim por objetivos, em que a diferenciação se dê pela exigência adequada ao desempenho de cada um. A seguir através das falas de algumas professoras comprovamos que de fato as turmas eram multisseriadas.

Sim, na minha época tinha 39 alunos todos misturados, idade de 06 a 20 anos, sala Multisseriada de crianças e adolescentes de todas as idades, eu sofria muito porque os mais velhos não deixavam os menores quietos era muito complicado. (PROFESSORA 1, ESC 1, 2018).

De quatro a nove anos, não me recorro à quantidade exata, mas em torno de trinta alunos quando fechou, a turma era multisseriada sim e também por isso o fechamento, já que o número de aluno seria muito pequeno para uma turma sem ser multisseriada, para dividir os alunos para todas as professoras (PROFESSORA 2, ESC 1, 2018).

Como vimos nas citações, podemos fazer comparações entre as duas professoras, já que uma começou ensinar logo no início quando a escola só tinha uma sala, e ela era quem fazia todas as tarefas, desde a limpeza, a merenda e ensinar uma turma multisseriada, com alunos de várias faixas etárias, a primeira tinha alunos de seis a vinte anos (06 – 20) e na outra continuava multisseriada, só que as crianças eram mais novas entre quatro e nove anos e ela só ensinava, não precisava fazer todas as tarefas da escola. Nas falas podemos perceber que

houve certa melhoria nas condições de trabalho dos profissionais, como também no prédio onde ambas ensinaram. Observamos também a evidencia que as professoras que moram onde as escolas foram construídas, falam com muita emoção, já que acompanharam a construção das mesmas, desde o início, elas tem um sentimento de pertença bem maior do que as professoras que só eram funcionárias.

Então perguntamos as pessoas questionadas se elas desejam que façam alguma coisa onde era o prédio das escolas e vinte e uma delas disseram que sim, como uma Unidade Básica de Saúde (UBS) ou uma Associação Rural, já que as que existem na região, ficam muito longe das suas casas e de difícil acesso, principalmente, para pessoas de saúde limitada. Então perguntamos se a população fez alguma coisa para que as escolas não fossem fechadas, movimentos, alguma coisa como protestos entre outros e eles responderam que não. Como vimos anteriormente, existiram muitas lutas para que a educação do campo fosse de fato efetivada, mas infelizmente, a maioria das pessoas é leiga nesse assunto e não sabem, talvez por isso, tenham ficado quietos e se conformado com a situação.

Pelos relatos apresentados podemos inferir que a educação realizada nas escolas da zona rural de Pocinhos não se configurava como educação do campo, que reflete e discute sobre a realidade da vida do povo que vive no campo. Pensar esse modelo de educação exige uma organização da comunidade local e engajamento na melhoria de todos da localidade. Tomamos conhecimento que em algumas cidades vizinhas onde existem movimentos sociais nas comunidades, lutaram e não deixaram as escolas serem fechadas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, concluímos e ao contrário do que esperávamos os moradores que questionamos da região onde as escolas foram fechadas, não mencionaram em lutar para que elas sejam reabertas, pareceu que nem pensam nessa possibilidade. Dessa forma, nos questionamos: será que de fato a escola era tão importante assim? Se era, por que não desejam de volta? Será que essas escolas levavam desenvolvimento para aquelas localidades? Será que esses moradores estão tão desacreditados no poder público, que por isso não pensaram na possibilidade de ter a escola de volta? Então, notamos que o homem/mulher do campo precisa de incentivo para que aja desenvolvimento de práticas que favoreçam a melhoria das condições de vida dessa população. Como não existem

movimentos sociais do campo na região para congregar, organizar e para reivindicar direitos, a população fica a mercê dos governantes, que muitas vezes se esquecem desse povo carente, muitos agricultores parecem que deixaram de sonhar e, assim, vão contribuindo para manutenção do sistema de desigualdade social.

Portanto, em nossa pesquisa podemos observar que praticamente todos/todas os/as entrevistados (as) alegaram que o fechamento das escolas do campo da cidade de Pocinhos – PB se deu pelo pequeno número de alunos matriculados e também algumas escolas estavam em péssimas condições para serem utilizadas. Na fala dar para notar o amor e o sentimento de pertença que alguns sentem com relação à escola, quase todos os envolvidos disse que a escola era muito importante para eles e a comunidade. Então, fizemos a pergunta o que eles desejam que façam com o prédio onde a escola funcionava e para minha surpresa vinte e um dos vinte e dois questionados disseram que desejam que façam, por exemplo: uma Unidade Básica de Saúde (UBS), ou uma Associação Rural, uma disse que gostaria que fizessem uma casa e outra disse que não quer que faça nada.

Essas comunidades não foram consultadas sobre o fechamento das escolas, apenas comunicadas, algumas pessoas questionaram, mas não se mobilizaram para que as escolas permanecessem funcionando. Na localidade não existe movimento de agricultores do campo, que organizasse o grupo para lutar pelas escolas. Estas esperam que os prédios das escolas sejam usados para algum serviço na comunidade, mas também não reivindicaram esse benefício ainda.

Então, confesso que além das falas e gestos que mostravam que a escola era muito importante para eles, pensamos que no mínimo iam pedir a escola de volta, já que naquele momento eles estavam expressando os sentimentos, mas para nossa surpresa nenhum pediu reabertura das escolas, assim, com essa contradição percebemos que, esse trabalho não se encerra aqui, notamos que ainda temos muito que descobrir e contribuir.

#### **ABSTRAT:**

The general objective of the research was to analyze the reason why so many schools in the rural area of Pocinhos-PB have been closed in recent years. Specifically, discover the causes and consequences of closing schools; understand how rural communities have become involved in the closure process and identify the consequences of this situation for rural communities. With a methodology of qualitative research of the ethnographic type we applied a questionnaire with open questions. Among the subjects were interviewed some landowners where the schools worked, former teachers, former employees, parents / mothers of students and even people from those

localities. For the research were randomly chosen four (04) schools of field one in each locality. For analyzing the data I contributed content analysis (BAUER, 2013). We also used the bibliographical references Molina (1999), Hage (2006), Machado (2017), among others, which gave us support to better understand the reality of rural schools and also official documents on this subject. Thus, through field research and theoretical contributions we managed to reach the desired result that was to understand why so many schools in the countryside of the city of Pocinhos were closed in recent years. Through the statements of the interlocutors we find that the schools were closed due to the small number of students and also the lack of resources to maintain the schools. To our surprise the community has not asked for the schools back and are satisfied with the care that the children are receiving in another locality. These communities were not consulted about the closure of the schools, only communicated, some people questioned, but they did not mobilize for the schools to remain in operation. In the locality there is no movement of farmers in the countryside, who organized the group to fight for schools. They expect school buildings to be used for some service in the community, but they have not claimed that benefit yet.

**Keywords:** Rural Education; School of Rural Area; Closing of Schools; Rural Community

## 6. REFERÊNCIAS:

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. O que falar significa. A economia das trocas de linguais. Paris: Fayard,. Paris: Fayard, 1982. 244 p.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Constituição**. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

BRASIL. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental**, 1997. – Língua Portuguesa. Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-língua-portuguesa.pdf>. Disponível em: Acesso em: 03 de 11/ 2018.

\_\_\_\_\_. Governo Federal. **Manual da Legislação Federal sobre Convênios da União: Orientações aos Municípios**, 2009.

FERNANDES, Bernardo M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In. BRASIL, Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. Disponível em: [www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files) Acessado em 18/11/2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GENTILI, Pablo. Adeus á escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: GENTILI, Pablo (Org). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (pp. 228-252).



GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural**. 3.ed. São Paulo. Cortez: Autores associados, 1992.

HAGE, Salomão Mufarry. A Realidade das Escolas Multisseriadas Frente as Conquistas na Legislação Educacional. In: **Anais da 29ª reunião anual da ANPED: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromisso manifestos**. Caxambu: ANPED, 2006

\_\_\_\_\_. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

LUDKE, Menga & André. **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas**- São Paulo, SP: EPU, 1986.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães & CASTRO, Paula Almeida de (Org.s). **Etnografia e Educação**. Conceitos e Usos. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna. (ORG). **Por uma Educação Básica do Campo** (memória). Brasília: Editora Universidade Brasília, 1999. (Coleção Por uma Educação Básica do campo, nº 1).

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Políticas “Publicas”e Educação do Campo : em busca da Cidadania Possível?** Travessias, v.07. INSS 1982 –5935.178 -198, 2009.

NOLASCO, Francisco: NOLASCO NETO, Pedro. **Grãos de Areias**: Tibau- Histórias e fatos pitorescos de um povo. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2003.

SANTOS, Fábio Josué Souza; MOURA, Terciana Vidal. **Políticas educacionais, modernização pedagógica e racionalização do trabalho docente**: problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej (orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; v. 2), pp. 35-48.

SILVA, M. S. **Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história**. 2004. Disponível em: [http://www.contag.org.br/imagens/f299Educação do Campo e Desenvolvimento\\_Sustentavel.pdf](http://www.contag.org.br/imagens/f299Educação_do_Campo_e_Developolvimento_Sustentavel.pdf). Acesso em 03.11.2018.

\_\_\_\_\_. Um Breve Histórico Sobre a Educação do Campo. In. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade -SECAD. **Educação do Campo: marcos normativo**. Brasília: SECAD, 2007.

WHITAKER, Dulce e ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. "**Escola pública localizada na zona rural**: contribuições para a sua estruturação". Cadernos CEDES, n.º 33, p. 9-42 Papyrus, 1992.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães & CASTRO, Paula Almeida de (Org.s). **Etnografia e Educação**. Conceitos e Usos. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

## **7. APÊNDICE**

## QUESTIONÁRIO PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS ESCOLAS QUE FORAM FECHADAS

1. Origem do nome da escola?
2. De quem foi a ideia de construir essa escola nas suas terras?
3. Qual o motivo ou causas do fechamento da escola?
4. Qual a relação da escola com a comunidade?
5. Como era a estrutura da escola quando foi fechada?
6. Quantos funcionários tinham na escola na época do fechamento?
7. A comunidade fez alguma coisa diante do fechamento?
8. A Escola era importante para você?
9. Gostaria que fosse feito alguma coisa com esse prédio da escola?

## QUESTIONÁRIO PARA AS EX PROFESSORAS DAS ESCOLAS

1. Quais os motivos e causas do fechamento da escola?
2. Quantos alunos tinham na época do fechamento?
3. Qual a idade das crianças?
4. As turmas eram multisseriadas?
5. A escola passou por alguma reforma durante o tempo que você trabalhou lá?
6. A comunidade fez alguma coisa diante do fechamento?
7. A escola era importante para você?
8. Depois do fechamento os alunos foram transferidos para quais escolas?
9. Você gostaria que fizessem alguma coisa com o prédio onde funcionava a escola?

## QUESTIONÁRIO PARA PAIS/MÃES DOS ALUNOS DAS ESCOLAS

1. Quais os motivos e causas do fechamento da escola?
2. Para onde os alunos foram levados depois do fechamento?
3. O que a comunidade fez diante do fechamento?
4. A escola era importante para o senhor (a) e para a comunidade?
5. O que a senhora gostaria que fizessem com o prédio onde era a escola?
6. As turmas eram multisseriadas?

## QUESTIONÁRIO PARA MORADORES DA COMUNIDADE

1. Quais os motivos e causas do fechamento escola?
2. Para onde os alunos foram levados depois do fechamento?
3. A escola era importante para o senhor (a) e para a comunidade?
4. O que a comunidade fez diante do fechamento?
5. O que o senhor/ senhora gostaria que fizessem com o prédio onde era a escola?
6. As turmas eram multisseriadas?